

Copyright © 2010 by Pulso Editorial Ltda. ME
Avenida Anchieta, 885 (Jardim Esplanada)
12242-280, São José dos Campos – SP.
Telefone/Fax: (12) 3942.1302

E-mail: atendimento@pulsoeditorial.com.br

Home-page: <http://www.pulsoeditorial.com.br>

Impresso no Brasil/Printed in Brazil, com depósito legal na
Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, de 20 de
dezembro de 1907.

Título original em castelhano:

Clínica Psicopedagógica Epistemología Convergente

Edições em castelhano: 1985, 1994, 2000, 2008

Edição em português: 1987

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou
parcial de qualquer parte desta edição. A violação dos direitos de
autor (Lei nº 5.988/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do
Código Penal.

Editor responsável: Vicente José Assencio-Ferreira

Diagramação e capa: Dimitri Ribeiro Ferreira

Impressão e acabamento: Editora Parma Ltda.

Tradução: Laura Monte Serrat Barbosa

Revisão: Eliane Mara Alves Chaves

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

Visca, Jorge / Clínica Psicopedagógica: Epistemologia
Convergente. - Jorge Visca. Segunda edição. Tradução:
Laura Monte Serrat Barbosa. - São José dos Campos: Pulso
Editorial, 2010. 160p.

ISBN 978-85-89892-73-5

1. Psicopedagogia

2. Epistemologia Convergente

3. Aprendizagem

4. Dificuldade de aprendizagem / I. Título

CDD -370.15

EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE

Laura Monte Serrat Barbosa

UMA CONVERSA

Escrevo este capítulo pensando em um diálogo meu com a Epistemologia Convergente, apresentada por Jorge Visca como suporte para sua proposta de ação psicopedagógica. A Psicopedagogia na ótica da Epistemologia Convergente nasceu do desejo de compreender o processo de aprendizagem por meio de dois olhares necessários: o que olha para a subjetividade (Psicanálise) e aquele que olha para a construção de estruturas para conhecer (Psicogenética). Além disso, essa construção sofreu influência do que Pichon-Rivière chamou de “interciência” e, em alguns registros, de “epistemologia convergente”.

É o próprio Visca quem comenta sobre essa influência, em seu livro *Psicopedagogía: Teoría, Clínica e Investigación*:

Mesmo o modelo da epistemologia convergente sendo o resultado de observações clínicas no campo psicopedagógico à luz de algumas contribuições de certos autores mencionados previamente, não se pode deixar de mencionar que a primeira ideia foi o produto

Jorge Visca

da influência de dois autores que não são da escola piagetiana: Enrique Pichon-Rivière e José Bleger (VISCA, 1993, p. 29- 30, tradução nossa).

Naquele momento, para superar o paradigma de disjunção do qual fala Morin (1996), Pichon-Rivière, uma personalidade inquieta, propõe a Epistemologia Convergente na introdução de sua obra *Da Psicanálise à Psicologia Social*. Visca considerou uma expressão do que era a linha mestra de seu pensamento:

A síntese atual destas indagações pode apontar para a postulação de uma epistemologia convergente, segundo a qual as ciências do homem referem-se a um objeto único: "o ser humano em situação", suscetível a uma abordagem pluridimensional (PICHON-RIVIÈRE citado por VISCA, 1993, p. 30, tradução nossa).

Essa proposta de Pichon-Rivière é ousada e é uma indicação, assimilada por Jorge Visca, para uma nova forma de ver o ser humano em sua condição de ser e estar situado, fazendo parte do movimento do seu contexto. Isso que pede um novo olhar; não um olhar classificatório de fenômenos, mas curioso, que dialoga com as várias áreas do conhecimento e com as questões presentes na situação. Esse olhar recupera o respeito pelas diferenças construídas na história de cada um, de cada cultura, de cada continente, sem perder de vista o múltiplo, o todo presente nas relações e as contradições emanadas.

Além desse diálogo com a Epistemologia Convergente, proponho uma conversa com a epistemologia complexa, proposta por Edgar Morin ao estudar o conhecimento, pois encontro pontos de conexão entre as duas e acredito que este diálogo pode ser frutífero.

Para entendermos melhor o avanço de uma epistemologia convergente, gostaria que o leitor participasse desse diálogo e pensasse sobre o que aborda Edgar Morin (1996), ao discutir o conhecimento na atualidade. Segundo ele, o conhecimento vai além da lógica e, na sua exploração e construção, é necessário enfrentar

A lógica é movida pela subjetividade

de psicanálise

alistas
ão da José
ssa).
ção
de
de
ma

A lógica está a serviço do pensamento

Clínica Psicopedagógica

a contradição; além disso, é preciso compreender que o conhecimento "é, ao mesmo tempo, prometido em novos desenvolvimentos e condenado ao inacabamento" (MORIN, 1996, p. 30). A invenção no pensamento e na criação transgride a lógica, e isso é possível porque não é o pensamento que se encontra a serviço da lógica, e sim o contrário. Para concluir sua reflexão sobre os problemas relacionados ao conhecimento, o autor aborda:

[...] um paradigma é um tipo de relação muito forte, que pode ser de conjunção ou de disjunção [...] A noção de paradigma é, ao mesmo tempo, linguística, lógica, ideológica: é uma noção nuclear. Assim, o âmago do paradigma de simplificação, que guiou a ciência clássica, é o primado da disjunção e da redução (MORIN, 1996, p. 31).

Foi justamente para superar esse primado de disjunção e de redução que, a meu ver, Jorge Visca propôs uma epistemologia convergente como base do conhecimento do processo de aprendizagem e da proposta de intervenção nas dificuldades de aprendizagem. A disjunção leva a várias dificuldades de aprendizagem e a possíveis soluções, como se as causas fossem únicas e lineares, assim como as soluções; a redução faz com que cheguemos a uma abstração supondo que a presença de uma dificuldade específica requer sempre a mesma forma de intervenção, construindo-se, pois, uma abstração que anula a diversidade.

É importante frisar que convergência, aqui, não é proposta como a junção dos iguais, como a mistura de uma mesma massa ou como um simples ponto de encontro, mas sim como um encontro das diferenças – dos diferentes conhecimentos que ajudam a olhar para o ser humano situado e das diferenças que se revelam como consequência desse olhar, permitindo entender a presença das distintas possibilidades de cada um colocar-se no mundo.

A convergência, portanto, leva à utilização de distintos conhecimentos para a compreensão de um fenômeno e, neste caso, o da aprendizagem e suas dificuldades. Esses conhecimentos reúnem-se para produzir algo novo, nova percepção, novo espaço

para ser e para estar, novas combinações para construir, com diferentes elementos, ferramentas que possam levar à compreensão do aprendiz e de sua aprendizagem.

Uma epistemologia convergente, conforme essa compreensão e construção, sob minha ótica, requer uma visão que supera a espiral de evolução apenas ascendente; sem deixá-la de lado, introduz a ideia de rede de conexões das instâncias que se encontram separadas. Penso numa imagem que represente tal pensamento: uma espiral em três dimensões, em que, a cada volta, fazem-se articulações a partir das contradições que "saltam" durante o processo de desenvolvimento, formando redes internas nas quais aparecem explosões, implosões, espaços preenchidos, espaços vazios, sentimentos, compreensões, erros, acertos e tudo que possa aparecer no estudo de um ser humano situado.

Segundo Morin (1996), a questão do conhecimento pede a realização de um circuito para fazer comunicar instâncias separadas; porém, ele afirma que esta não é uma tarefa individual, mas necessita do encontro e da articulação de todos os investigadores que permanecem nos domínios disjuntos do conhecimento. Numa escala menor de abrangência, podemos dizer que a Epistemologia Convergente no estudo da aprendizagem requer a presença da competência de várias áreas do conhecimento para possibilitar o olhar dinâmico ao aprendiz e à aprendizagem, que também são dinâmicos.

Não se trata de termos um psicopedagogo psicanalista, nem um psicopedagogo psicólogo social e tão pouco um psicopedagogo psicólogo genético, mas sim um psicopedagogo que possa articular os saberes da Psicanálise, da Psicologia Social e da Psicologia Genética, e de outras áreas como a Antropologia, a Filosofia, a Neurociência, visando à compreensão do aprendiz num outro nível, para além da patologização. A patologização decorre, pois, de um paradigma de disjunção, que fragmenta, que "dis- situa", que classifica e que propõe a cura sem considerar as diversas combinações possíveis nas redes internas de cada aprendiz e na sua articulação com as redes externas a ele.

Nesse sentido, precisamos de uma Psicopedagogia capaz de desenvolver uma formação pontual de seus profissionais, possibilitando: a compreensão do aprendiz como emergente do

- ② seu tempo e do seu espaço; o conhecimento dos princípios da policausalidade nas dificuldades para aprender; a compreensão da articulação entre um sujeito situado, histórico e o contexto do qual
- ③ faz parte, seja ele natural, social, simbólico, espiritual, do conhecimento etc.; o conhecimento das áreas que aprofundam os
- ④ estudos das distintas dimensões que constituem o aprendiz; o desenvolvimento de técnicas que atendam ao aprendiz em vários
- ⑤ âmbitos – do indivíduo, do grupo, da instituição; a compreensão do aprendiz, considerando-se o âmbito da comunidade, e seus códigos, além do âmbito da cultura – uma cultura capitalista, consumista e globalizante, no nosso caso.

Já em seu segundo livro traduzido para o português, publicado no Brasil, Visca trouxe à baila essa questão:

Anteriormente, Psicopedagogia significava o conhecimento e o estudo do sujeito individual, enquanto Educação significava o conhecimento da comunidade, da sociedade. Eu acredito que, naquele momento, por motivos manifestos e latentes, fez-se uma divisão, porque conhecer verdadeiramente como o sujeito aprende é um conceito revolucionário, no sentido de aceitar o sujeito como ele é, fazer com que esse sujeito aprenda, de verdade, não fazendo de conta. Isso significa uma modificação, no sistema e na educação, muito grande (VISCA, 1991, p. 14).

Nesse diálogo, trago outras afirmações de Visca, em uma entrevista que introduziu o livro *Psicopedagogia: Novas Contribuições*, a fim de que o leitor possa perceber o quanto ele se encontrava a frente de seu tempo. Apesar de utilizar as palavras, criticadas hoje em dia, como “sujeito” (por significar aquele que se sujeita) e “paciente” (que traz a significação daquele que precisa ter paciência com sua dificuldade), ele colocava a questão da aprendizagem como algo muito mais abrangente do que aquilo que consta em muitos fazeres e concepções educacionais e/ou psicopedagógicas existentes atualmente. São como avanços que ainda precisam acontecer, de fato, em muitas formas de atenção psicopedagógica.

Eu comecei com a Psicopedagogia Clínica – clínica num sentido mal utilizado da palavra, querendo dizer que é o trabalho no consultório, porque clínica não significa isso, de forma nenhuma. Na escola, se faz clínica; na comunidade, se faz clínica. Clínica é, sim, no sentido de perceber o sujeito como ele é; diagnosticar este sujeito, trabalhar com este sujeito mesmo que seja um grupo ou uma comunidade, aceitando este sujeito como ele é. Eu vejo o consultório como um laboratório de pesquisa, mas acredito que o objetivo do psicopedagogo seja trabalhar com a sociedade em geral, pesquisar a forma de aprendizagem que existe na sociedade em geral. Devemos [ampliar] este conhecimento que temos para a comunidade. Por exemplo: Por que os sujeitos têm que entrar na escola por idade e não por capacidade? Por que não esperar o momento em que o sujeito esteja amadurecido para entrar no ensino fundamental ou qualquer sistema? Quantas inteligências nós perdemos [...] porque se cria um vínculo negativo entre o sujeito e a situação de aprendizagem e a escolaridade? [...] A ampliação do âmbito da Psicopedagogia deu a possibilidade de estudar tanto o sujeito individual em profundidade quanto de explorar estes conceitos para o macrossistema, que antes não tinham sido pesquisados (VISCA, 1991, p. 14-15).

Em relação a isso, em um de seus últimos artigos, publicado na internet, Visca (1999) comenta: “[...] é necessário se aprofundar nos conceitos de aprendizagem grupal, institucional e comunitária. Indivíduo, grupo, instituição e comunidade são, sem dúvida alguma, organismos vivos que aprendem”. Para concluir, ele aponta a cultura como um âmbito mais abrangente em relação a todos os outros. Sobre isso, faz algumas recomendações para o milênio seguinte:

- aperfeiçoar os resultados já obtidos e abordar as provocações futuras;

- estudar, no âmbito do indivíduo, as estruturas cognitivas e afetivas da aprendizagem intrapsíquica;
- lembrar que tais estruturas são influenciadas pelos outros âmbitos;
- acreditar que crianças e jovens podem ter razão;
- estudar, no âmbito grupal, o conjunto de pessoas, suas estratégias e os mecanismos interpsíquicos da aprendizagem intragrupal;
- estudar e pesquisar, no âmbito institucional, o conjunto de grupos, as estratégias e os mecanismos intergrupais da aprendizagem institucional;
- fazer a Psicopedagogia “na instituição” e “da instituição”;
- pesquisar, no âmbito da comunidade, sobre o conjunto das instituições, as estratégias e os mecanismos utilizados para a aprendizagem comunitária;
- incorporar a cultura ao estudo dos mecanismos de aprendizagem, como mais uma unidade de análise;
- formar equipes, com fundamentação em outras áreas, para estudar a cultura como unidade de análise da aprendizagem;
- continuar a investigação em Psicopedagogia.

Além disso, Jorge Visca, como Pichon-Rivière, propôs um fazer a partir dos conhecimentos que articulou e que lhe possibilitaram fazer a leitura das situações e intervir em direção a um processo do aprender possível.

Por esse motivo, considero que Pichon-Rivière e Jorge Visca, com a proposta da Epistemologia Convergente, estavam à frente de seu tempo e apresentaram, em seus escritos, propostas fundamentadas num paradigma de conjunção, como o proposto por Morin (1996). Este, em suas discussões sobre o conhecimento do conhecimento, aborda:

É necessário, com efeito, que nos apercebamos de que é muito difícil e que não é uma tarefa individual. É uma tarefa que necessita do encontro, da troca entre todos os investigadores e universitários que trabalham nestes domínios disjuntos e fecham-se como ostras quando são solicitados. [...] O problema não está em que cada um perca sua

competência; está em que a desenvolva o suficiente para articulá-la com outras competências que, ligadas em cadeia, formariam o anel completo e dinâmico (MORIN, 1996, p. 33).

Visca não se fechou como uma ostra; pelo contrário, fez a mala e saiu pelo mundo para contar a respeito de suas ideias, descobertas e ações, ao mesmo tempo em que continuou sua práxis psicopedagógica no âmbito do indivíduo, do grupo, da instituição e da comunidade.

A sua ação psicopedagógica foi construída apoiando-se em três níveis de abordagem: o metacientífico, ou filosófico, que traz a convergência de conhecimentos como uma necessidade para a compreensão do processo de aprendizagem e do aprendiz como ele é; o científico que traz a síntese, resultado de uma discussão dialética entre os conhecimentos convidados a convergir para a leitura das diferentes situações de aprendizagem, sobre a qual ele construiu uma matriz de pensamento que fundamentou sua prática e seu olhar; e o técnico, responsável pelo desenvolvimento do instrumental necessário para que a proposta teórica pudesse tornar-se visível e revelar o grau de coerência existente entre a teoria e a prática.

O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Como aprendiz da Epistemologia Convergente, digo que o grau de coerência entre o que era proposto e seus efeitos foi bastante visível em minha aprendizagem e na de meus colegas. A formação em Psicopedagogia fundamentada na Epistemologia Convergente foi o período mais fecundo de todo meu processo de aprender. O conhecimento não vinha fechado; pelo contrário, era colocado na roda para ser questionado de todas as formas, complementado, considerando-se as diversas realidades, desconstruído e construído a partir dos conhecimentos e experiências prévias das pessoas que ali se encontravam em processo de aprender.

Foi isto o que me encantou na Epistemologia Convergente: aprender algo passível de ser sentido, percebido, vivido, reconhecido, e poder ir além.

Visca, em sua trajetória como aprendiz, viveu muitos percalços e, apesar de ter sido atraído à faculdade de Ciências da Educação e à formação em Psicopedagogia a partir da série de situações que evocavam suas dificuldades de aprendizagem e do atendimento individualizado para compreendê-las e corrigi-las, postulou um caminho que foi além, mostrando uma preocupação mais ampla em relação às dificuldades para aprender.

No prefácio de seu segundo livro, *Psicopedagogia: Novas Contribuições*, Visca escreveu:

Eu acredito que este livro é muito importante para a Psicopedagogia porque os artigos abordam uma dimensão diferente: não mais restrita à clínica psicopedagógica, mas estendida à utilização da Psicopedagogia no macro sistema, para ajudar a comunidade em geral nas suas necessidades de aprendizagens (VISCA, 1991, p. 16).

Entendo que essa foi uma ampliação para colocar-se o foco na aprendizagem, e não mais, apenas, nas dificuldades e nos transtornos. De certa forma, este primeiro trabalho publicado no Brasil foi sendo atualizado durante todo percurso de Visca junto a nós que, embora pequeno, foi muito produtivo e fecundo. ✱

Visca produziu conhecimento na tentativa de desvendar novos caminhos a serem seguidos nos diferentes âmbitos de ação psicopedagógica: o indivíduo, o grupo, a instituição, a comunidade e a cultura – pretendendo incentivar estudos e investigações que promovessem o avanço da Psicopedagogia. Eu mesma presenciei empreitadas e tentativas importantes, envolvendo empresas multinacionais, para desenvolver projetos amplos relacionados a diferentes culturas como, por exemplo, dos índios do Paraná e dos negros da Bahia.

Visca construiu instrumentos importantes para a compreensão do “aprendiz como ele é”. Em um de seus livros, relata-os denominando-os como modelos, aos quais eu me refiro como

construções, já que a palavra modelo em nossa língua remete à reprodução e ao fechamento. A meu ver, são ferramentas que nos colocam em caminhos para além da patologização; são seis construções que nos encaminham em direção à compreensão do processo de aprendizagem de pessoas, grupos, instituições e comunidades e à intervenção psicopedagógica mais adequada para cada aprendiz.

Sua primeira construção – o **Esquema Evolutivo da Aprendizagem** – é primorosa. Nele, Visca mostra que a evolução da aprendizagem acontece num processo contínuo de relação do sujeito com o mundo, o que possibilita a ele a constituição das dimensões que compõem a condição de um ser capaz de aprender.

Esse esquema não traz nenhum indicador de patologização, mas sim é traduzido em instrumento que ajuda na compreensão da história de aprendizagem de um determinado aprendiz. Desde o momento em que nasce até a entrada na instituição educacional, o aprendiz é visto como alguém que interage e aprende, ao mesmo tempo em que aprende e interage em diferentes níveis de complexidade relacional e de aprendizagem. Mostra que cada nível interfere na construção do seguinte e é construído a partir do anterior, num verdadeiro percurso histórico. Nesse percurso, é possível localizar a gênese e a evolução das aprendizagens: vinculares, de valores, assistemáticas e sistemáticas, o que pode nos instrumentar para a compreensão de um processo de aprender e das dificuldades ou transtornos que possam aparecer em seu decorrer.

→ Simone

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem – a famosa EOCA – foi considerada uma de suas mais ricas construções para a compreensão do funcionamento de aprender, e vários profissionais apoiaram-se em seu mecanismo e fundamento para construir outros instrumentos importantes à prática psicopedagógica: EOCMEA – Entrevista Operativa Centrada na Modalidade de Ensino e Aprendizagem, criada por Simone Carlberg como instrumento de levantamento de hipóteses da aprendizagem da instituição; EOCA Motora – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem Motora, criada por Mari Ângela Calderari de Oliveira e Maria Silvia Bacila Winkler com o objetivo de observar e levantar hipóteses sobre o funcionamento da aprendizagem individual por meio do

movimento; EMCA – Entrevista Modular Centrada na Aprendizagem, criada por Elizabeth Carvalho da Veiga para observar a utilização das várias inteligências pelo aprendiz, individual ou grupal; EOFa – Entrevista Operativa Familiar, criada pela Equipe da Síntese, Grupo de Estudos da Aprendizagem, que objetiva compreender e levantar hipóteses sobre a aprendizagem familiar, individual e suas relações.

Essa é uma pequena amostra de como a EOCA, somente na cidade de Curitiba, trouxe a possibilidade de um olhar especial para compreender o aprendiz em situação de aprendizagem, o aprendiz situado, seja ele uma pessoa, um grupo ou uma instituição. Visca (1991, p. 37) propõe a EOCA como um avançado substituto das provas pedagógicas, para a compreensão do aprender de um indivíduo. Por meio dela, identificamos indicadores do processo de aprendizagem que vão além da simples técnica passível de ser percebida numa prova pedagógica. No entanto, resta uma questão: Por que será que tantos psicopedagogos ainda insistem em colocar as provas pedagógicas nos diagnósticos que realizam e dizem-se fundamentados na Epistemologia Convergente? *→ Laura*

A **Matriz Diagnóstica do Pensamento** é outra criação de Jorge Visca que merece destaque por diferenciar-se de outras propostas diagnósticas a partir da descrição da situação contextual; ou seja, parte da leitura do aprendiz e de sua aprendizagem para chegar à descrição e à explicação histórica, passando pela análise dos indicadores de aprendizagem e de dificuldades de aprendizagem, pela explicação dos mecanismos que o aprendiz utiliza para aprender, destacando também os desvios e assincronias. Além do diagnóstico propriamente dito, todo estudo leva a uma previsão a respeito da evolução do processo de aprendizagem e a possíveis indicações; neste aspecto, não se diferencia muito de outros processos diagnósticos.

Outra criação sua foi o **Processo Diagnóstico**. Por se apoiar na Matriz Diagnóstica do Pensamento, em vez de iniciar pela Anamnese, que levanta a história do aprendiz, inicia pela EOCA, que permite a descrição da situação contextual e o levantamento das hipóteses sobre o modo como aquele aprendiz aprende. Todo o processo diagnóstico é desenvolvido a partir do Primeiro Sistema de Hipóteses que surge da aplicação da EOCA, o que caracteriza o plano científico da proposta de Visca, pois os instrumentos escolhidos para a pesquisa

da aprendizagem de um aprendiz são sempre decorrentes da observação do sujeito em situação de aprendizagem. É um processo diagnóstico personalizado e extremamente dinâmico que exige do psicopedagogo uma capacidade de observação apurada e uma investigação criteriosa.

O **Processo Corretor** é outra das suas criações fundamentadas em uma epistemologia convergente. Também é muito diferente de outros processos, utilizando-se de recursos psicopedagógicos de caráter objetivo e subjetivo: traz a Caixa de Trabalho, como recurso de intervenção psicopedagógica de caráter objetivo, e apresenta recursos psicopedagógicos de caráter subjetivo que são utilizados na interação do psicopedagogo com o aprendiz. O processo corretor não propõe nenhum tipo de treino, nem uso de metodologias específicas para cada tipo de dificuldade. Cada aprendiz é visto na sua especificidade, e a Caixa de Trabalho é organizada a partir do perfil de cada um; além disso, as intervenções não são programadas previamente, mas surgem da situação que se apresenta. Por isso, mais do que usar uma técnica ou um método, o psicopedagogo, nesta concepção trazida por Visca, precisa aprender a ler situações e situados, precisa desenvolver uma concepção de mundo, de ser humano, de educação e de aprendizagem. *clara*

A sexta construção de Visca diz respeito ao **Quadro Nosológico**, o qual resume a compreensão da aprendizagem e das suas dificuldades partindo do que podemos observar, passando pela identificação dos possíveis obstáculos e mecanismos que levam àquela forma de aprender, ou não aprender, até chegar às causas históricas que podem ser identificadas tanto no âmbito do organismo biológico, como no nível psicológico.

O que desejo, nesse capítulo, além de ratificar a importância e a seriedade do trabalho desenvolvido por Jorge Visca, é propor uma parada para analisar o Modelo Nosográfico, que se traduz no Quadro Nosológico, a fim de colocar o foco em alguns detalhes, os quais eu considero importantes para a “despatologização” da aprendizagem e da prática psicopedagógica. Essa criação pode levar à crença de que dificuldades para aprender são patologias, justamente por ter a intenção de analisar as causas atuais das dificuldades de aprendizagem que possuem potenciais para serem patologias, ao que Visca chamou de patologizantes. Visca mostra

que um indicador de dificuldade para aprender pode possuir como causa histórica desde uma conduta reativa até um quadro psicótico, ou mesmo causas orgânicas ligadas a síndromes, distúrbios metabólicos, disfunções neurológicas e outros.

Nosológico é um termo que, em português, refere-se à classificação de doenças. Como o quadro que apresenta é nosológico, retratando as várias possibilidades de causas de dificuldades para aprender, Visca não aprofundou o estudo referente às causas de caráter cultural, por entender que as mesmas não são patologizantes. Em suas aulas, dizia que os obstáculos epistemológicos não eram patologizantes, mas eram os mais comuns na análise das dificuldades de aprendizagem.

Visca construiu esse modelo sobre um modelo médico, ao qual, provavelmente, teve acesso na época. Mesmo havendo todo um esforço de sua parte para ampliar o alcance da Psicopedagogia, os termos dos quais se utiliza para explicar e descrever o processo de conhecer e aprender dos aprendizes podem remeter os desavisados à doença. Embora a estrutura desse instrumento seja fantástica, pois nos faz partir da situação para a história e da história para compreender a situação, muitos estudiosos criticam-no por não conhecerem o suporte que ele pode dar para a compreensão do aprendiz e sua aprendizagem.

Creio que possamos desenvolver um estudo para que, em vez de ter somente um quadro nosológico que, indiretamente, remete à doença, tenhamos, também, um quadro de análise da aprendizagem que nos remeta aos diferentes estilos de aprender, às estratégias utilizadas pelo aprendiz, às suas diferenças funcionais, cujas causas históricas remetam-nos aos âmbitos cultural, comunitário, institucional, grupal e individual, em direção à saúde.

Em nossa prática psicopedagógica, introduzimos instrumentos que possuem essa função. A Entrevista Operativa Familiar – EOFa – leva-nos a conhecer as crenças e os valores da família, sua forma de comunicação e de aprendizagem, para compreender a forma de aprender do aprendiz e suas facilidades e dificuldades; a Observação do Aprendiz em Situação de Aprendizagem Escolar dá pistas sobre a forma como se ensina e aprende naquela instituição, assim como sobre as possíveis relações com a forma de aprender de um determinado aprendiz.

Se as questões ligadas à cultura fizessem parte do quadro, se ele não fosse apenas um quadro nosológico, penso que haveria mais chances para que os indicadores de dificuldades para aprender não fossem somente lidos a partir de causas potencialmente patológicas.

Visca também tinha esta preocupação: no quadro auxiliar que apresentava durante nossa formação, trazia um espaço para o registro do obstáculo epistemológico, o obstáculo de caráter cultural. Infelizmente, pelo menos aqui em Curitiba, ele foi deturpado, e a dimensão cultural foi substituída por uma dimensão pedagógica, o que reduz e simplifica o único e principal elemento do estudo dos obstáculos à aprendizagem que pode fortalecer uma Psicopedagogia não patologizante. O âmbito da cultura pode explicar a mudança no processo atencional, a inquietação e muitas condutas que têm sido construídas na relação com a cultura do instantâneo, do efêmero, do consumo e do descarte, além de possibilitar uma leitura diferenciada daquela que diagnostica, classifica e medica.

EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE – NOVAS PROPOSTAS

[...] outra meta da Psicopedagogia, em geral, e da Epistemologia Convergente, em particular, é a de fundar núcleos de assistência, docência e investigação que socializem, democratizem e humanizem o nosso fazer psicopedagógico (VISCA, 1999).

É nítida a ampliação que Visca faz da visão inicial, mais voltada para a ação no espaço do consultório, indo para além do indivíduo e da sua dificuldade. Portanto, é na direção dessa ampliação que caminham os esforços de seus alunos, agora profissionais que lutam pela atualização desse olhar tão ousado.

O fazer psicopedagógico no terceiro milênio – também visto na perspectiva da Epistemologia Convergente – traz conjuntamente

dois desafios principais e indissociáveis: aperfeiçoar os resultados alcançados e abordar as eventuais provocações do futuro (VISCA, 1999, p. 03-04).

Nosso desafio tem sido lutar contra uma visão apoiada num paradigma disjuntivo que fragmenta o aprendiz, fragmenta o conhecimento a ser aprendido e fragmenta a compreensão do processo de aprendizagem. Nosso desafio tem sido trazer à discussão um paradigma de conjunção, por meio do qual podemos articular conhecimentos, compreensões, diferentes leituras e contribuir para a compreensão da aprendizagem como um processo que pode se diferenciar, dependendo do aprendiz, da sua história, do contexto com o qual interage, da cultura na qual está mergulhado e, principalmente, da relação que estabelece com este mundo tão dinâmico.

A gênese de nossa prática psicopedagógica situada na Epistemologia Convergente permitiu algumas construções, as quais trarei apenas como testemunhas de que é possível manter viva uma concepção e atualizá-la por meio de discussões e de práticas. Não vou aprofundá-las, pois este não é o fórum apropriado, uma vez que este livro é do nosso mestre, e não é nosso.

Além dos dois instrumentos inspirados na EOCA criada por Visca, a EOCMEA e a EOFA, a Equipe da Síntese desenvolveu outros estudos, tais como a sistematização das Atitudes Operativas, o desenvolvimento de um instrumento chamado Observação Operativa, o uso da *consigna* como um instrumento capaz de desenvolver a operatividade no aprendiz; realiza a Ciranda de Educadores, no mínimo uma vez por ano, desde 1999, para estudar e discutir temas da contemporaneidade – mídia, disciplina, limites, consumo, sexualidade, dependência, valores humanos, a pedagogia e a lei, entre outros; pesquisa junto a uma universidade, desde 2005; mantém grupos de estudos, sendo um deles atrelado à ação comunitária; oferece um curso livre de Formação em Teoria e Técnica de Grupos Operativos, um curso de Aperfeiçoamento em Clínica Psicopedagógica fundamentado na Visão Sistêmica e na Epistemologia Convergente, um curso de Coordenação de Grupos de Aprendizagem; estuda sobre o sujeito cognoscente e suas elaborações simbólicas, a partir do livro de Maria Cecília de Almeida e Silva, que também foi aluna de Visca.

Jorge Visca

Como finalização, quero dizer ao Professor Jorge Visca: "Muito obrigada! Obrigada por todo suporte que nos deu; obrigada por pensar e viver a Psicopedagogia; obrigada por humanizar a prática psicopedagógica!"

Tenho certeza de que alguém que disse: "As únicas coisas que possuo são o meu corpo, minha saúde mental e minha capacidade para aprender" concordaria com nossos questionamentos e com as atualizações que temos realizado. Lamentamos, no entanto, não podermos fazer isso tudo juntamente com o criador de todas as ideias mostradas nessa obra.